



Crônica da Cidade

por Severino Francisco >> severinofrancisco.df@dabr.com.br

>> (cartas: SIG, Quadra 2, Lote 340 / CEP 70.610-901)

A marcha das mulheres

Na última semana, a Esplanada dos Ministérios foi palco da mais linda manifestação registrada no mais democrático espaço da capital do país. Cerca de cinco mil mulheres indígenas de múltiplas etnias invadiram Brasília para um protesto, que é uma festa de ritmo, de gritos, de cânticos, de pintura corporal e de dança. Não estava previsto no Plano Piloto de Lucio Costa, mas a verdade é que a presença multicolorida das mulheres indígenas estabelece uma sintonia perfeita e um magnífico efeito plástico com os

monumentos e a espacialidade da arquitetura modernista.

O que está em jogo é uma questão de vida ou morte: a votação pelo STF da tese do Marco Temporal, defendida pelo agronegócio. A vitória da tese do Marco Temporal significará um autêntico etnocídio, como bem disse o ministro Edson Fachin.

Por isso, o mundo está de olho no julgamento do STF e nas manifestações dos índios em Brasília, que estão correndo o planeta. Os índios são personagens estratégicos na luta contra o aquecimento global.

Por quê as mulheres resolveram enfrentar uma verdadeira via crucis para chegar até Brasília? Porque, se todos os povos indígenas, independentemente de gênero, estão ameaçados, as mulhe-

res são ainda mais vulneráveis.

Durante o atual governo, os índios têm sido alvos de uma violência desmedida dos garimpeiros, madeireiros e grileiros, que invadem as suas terras e deixam um rastro de destruição. Mas as mulheres indígenas sofrem com o ato de maior covardia: o estupro. Por isso, elas resolveram se pintar, tocar, gritar e dançar. É uma maneira de se conectar com os deuses e se energizar para a luta.

Manifestam-se sempre com alegria e vibração. Assisti a um vídeo maravilhoso, produzido pelo Instituto Socioambiental, sobre a primeira marcha das mulheres indígenas em Brasília. Lá, elas soltam o grito de socorro e de independência: "O primeiro golpe ocorreu em 1500, somos mulheres parteiras, benzedeiras, doutoras. Nós, mulheres indígenas poli-

tizadas, fazemos o enfrentamento ainda que não sejamos belas ou recatadas", brada Célia Xakriabá.

E, outra índia, Juvana Xakriabá, emenda: "A gente vivencia um momento histórico em que as nossas mulheres guerreiras saem de nossos territórios em defesa dos nossos direitos. O território para nós é a base de tudo."

Sonia Guajajara explica o impulso de viajar longas distâncias para chegar até Brasília: "A conjuntura política é totalmente violenta para nós. É sentindo essa dor, essa pressão, que as mulheres chegam a Brasília para se colocar na linha de frente do movimento em defesa dos nossos povos e do Brasil."

Em cima de um caminhão de som, uma índia não identificada berra a plenos pulmões: "Perdemos as nossas lín-

guas com a invasão do país. Mas eu sou povo originário desta terra. Estou aqui para gritar que existo!"

Angélica Domingos revela que as mulheres indígenas são portadoras do sagrado: "Tentaram apagar a força e o sagrado que a mulher indígena tem. Nós trazemos esse sagrado." Uma índia, que não conseguiu identificar, constata: "Nós não temos dignidade diante do Estado brasileiro."

Célia Tupinambá chama a atenção para a conexão com a natureza: O nosso espírito é natureza. São os nossos encantados. Nós somos os guardiões das matas. Nós conseguimos ouvir que a natureza está pedindo socorro. Para nós, todo dia é dia de luta". As mulheres índias deram uma lição de bravura, de dignidade, de mobilização e de cidadania a todos nós brasileiros.

COTIDIANO / Habitantes do Paranoá, animais são selvagens e podem atacar. Um marinheiro foi mordido durante mergulho

Cuidado com a capivara

» JÚLIA ELEUTÉRIO

Era mais uma segunda-feira de muito calor para o marinheiro Antônio Sampaio, de 52 anos. Ceará, como é conhecido pelos amigos, havia acabado de finalizar os preparativos de algumas embarcações no Clube da Aeronáutica, onde trabalha, quando decidiu se refrescar no Lago Paranoá. O mergulho o transformou em notícia. Quando submergiu, uma capivara subiu em suas costas e desferiu dentadas sobre o homem.

Marinheiro com 34 anos de experiência, ele conta que nunca imaginou uma situação como essa. "Tudo aconteceu muito rápido, senti o peso nas minhas costas e quando levantei, vi que minhas costas estavam sangrando e saí da água", lembra. O animal o atacou nas costas e próximo ao ombro. Em um vídeo que circula na internet, é possível ver o momento do incidente.

O morador de São Sebastião foi socorrido por um motorista do clube que o levou até o Hospital Regional da Asa Norte (Hran). Lá, ele foi medicado, recebeu pontos e curativos. "Passaram antibióticos, e estou em casa, me sentindo bem e sem dores", afirma.

Passado o susto, o episódio protagonizado pelo roedor ganhou versões bem-humoradas nas redes sociais sobre o suposto "dia de fúria" da capivara. A espécie, residente do lago, na maioria das vezes, não se aproxima ou ataca humanos, mas, ontem, no Dia Internacional da Capivara, abriu uma infeliz exceção.

Pacíficos

De acordo com o especialista em zoologia e professor no Departamento de Ecologia da Universidade de Brasília (UnB) André Mendonça, o caso foi isolado. "No vídeo, o que me parece é que foi um ataque eventual. A capivara simplesmente se assustou com o senhor e, como é um animal selvagem, se defendeu. Mas você

nota que ela não vai atrás do banhista. Ela morde e vai para o outro lado", ressalta.

Ele explica que é comum ver as capivaras andando em grupo. Em áreas urbanas, o bando pode chegar a ter 40 indivíduos, sendo formado por um macho dominante, as fêmeas, outros machos e filhotes. "Como elas vivem em bando e são roedores, se reproduzem muito e é comum estarem com filhotes. O que tende a ser mais agressivo é o macho dominante, mas é em casos extremos. Normalmente, ele é mais agressivo com outros machos de capivaras do que com pessoas mesmo", explica.

Para quem admira a espécie, a dica é observar de longe. "Se você chegar perto, ela vai tentar se distanciar. Se a pessoa insistir em se aproximar, a capivara pode reagir", pontua André, garantindo que as capivaras são tímidas. "Quando encontram alguma pessoa, elas fazem um barulho parecido com um latido e fogem para a água ou para a mata. Elas só reagem quando se sentem acudadas", esclarece o zoologista.

Alerta

O Batalhão da Polícia Militar Ambiental (BPMA) destaca que os nadadores da Orla do Lago Paranoá devem ficar atentos aos animais. "Se o banhista estiver dentro d'água e vir um animal desses é recomendado não se aproximar ou mesmo sair da água", alerta.

Os militares esclarecem que se a capivara não atacou ninguém e está em vida livre, no seu habitat natural, não há necessidade de chamar nenhum órgão estatal. No entanto, caso já tenha havido um ataque, a primeira coisa a se fazer é socorrer a vítima, podendo acionar o Corpo de Bombeiros pelo telefone 193 ou a Polícia Militar para o resgate pelo telefone 190. Caso a pessoa seja mordida, é necessário procurar o mais rápido possível um hospital para que a vítima seja medicada e tratada.

Ed. Alves/CB/D.A Press



Mesmo ocupando alguns ambientes urbanos, espécie é tímida. Especialistas recomendam que pessoas mantenha distância por segurança

Arquivo Pessoal



Antônio Sampaio foi surpreendido pelo ataque de uma capivara

Monitoramento

Em julho deste ano, a Secretaria de Meio Ambiente do Distrito Federal (Sema), em parceria com a Universidade Católica de Brasília, assinou um termo para identificação e monitoramento da população de capivaras na orla do Lago Paranoá. Conforme publicado no Diário Oficial do Distrito Federal (DODF), os recursos públicos para a pesquisa são de R\$ 252 mil, e a execução do plano de trabalho terá duração de um ano com parceria de 13 meses.

Procurada pela reportagem, a Sema destaca que o projeto está em andamento desde agosto. A professora de zoologia da Universidade Católica de Brasília Helga Wiederhecker, que coordena as pesquisas, destaca que o trabalho permitirá identificar onde há prevalência dos grupos, tamanho das espécies e relacionar estas informações com outros estudos sobre o lago. "Com isso, conseguiremos descobrir as melhores formas de evitar acidentes como ocorreu esta semana", acredita.

Helga ressalta que fatos como o de Antônio são incomuns. "Estas situações recentes são intrigantes e despertam hipóteses sobre o que está favorecendo esses conflitos. Neste sentido, o levantamento que já está em curso poderá responder se estes eventos ocorrem em áreas que estão sempre ocupadas ou se estas capivaras se sentem mais ameaçadas na água", conclui.

Caso recente

Em fevereiro, um morador do condomínio Life Resort, localizado no Setor de Hotéis de Turismo Norte (SHTN), foi mordido por capivara enquanto fazia exercícios na orla do Lago Paranoá. Após o ocorrido, ele foi encaminhado para o hospital com ferimentos na perna, na mão, nádegas e virilha.

Segundo outro residente do condomínio, a vítima estava encostada no píer com as pernas dentro d'água quando houve o incidente. Uma placa de advertência sobre a presença dos animais foi colocada na entrada de acesso ao deck para os moradores.

#Hashtag Talk

com
Fellipy Lima

ESTREIA DIA 19 DE SETEMBRO

NA TV BRASÍLIA REDE TV CANAL 6.1